



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ref@cfh.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina
Brasil

Batista Ferreira, Glauco

Produção de sujeitos, sexualidades e mercadorias no BDSM: as técnicas e os circuitos SM em San Francisco na etnografia de Margot Weiss.

Revista Estudos Feministas, vol. 22, núm. 1, enero-abril, 2014, pp. 375-380

Universidade Federal de Santa Catarina
Santa Catarina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38130688024>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Produção de sujeitos, sexualidades e mercadorias no BDSM: as técnicas e os circuitos SM em San Francisco na etnografia de Margot Weiss

Techniques of Pleasure: BDSM and the Circuits of Sexuality.

WEISS, Margot.

New York: Duke University Press, 2011, 336p.

Em seu primeiro livro, *Techniques of Pleasure: BDSM and the Circuits of Sexuality*, Margot D. Weiss elabora um instigante estudo sobre os circuitos do BDSM¹ na Baía de San Francisco durante o começo dos anos 2000, fruto de sua

tese em Antropologia Cultural. O livro é inovador pelo fato de tornar mais complexo o contexto de debates existente nas teorias feministas e *queers* a respeito das práticas envolvendo dominação e erotismo, tais como as práticas sado-masoquistas (SM), entre outras. Torna-se então, por sua ousadia conceitual e por suas proposições, uma interessante contribuição aos estudos de gênero e sexualidade, numa narrativa bastante densa e aprofundada, que marca o leitor pela complexidade teórica com a qual aborda o contexto erótico e bastante estigmatizado que foi investigado, tratando assim de desmistificar, em certo sentido, tal universo.

A autora é antropóloga, professora assistente na Wesleyan University, no estado de Connecticut, Estados Unidos. Graduada em Psicologia pela Universidade de Chicago em 1995, seguiu sua formação com mestrado em Antropologia Cultural e Estudos de Gênero e da Mulher (*Women's Studies*) na Duke University, contexto institucional no qual ela também obteve seu PhD em Antropologia Cultural em 2005. Localizando-se no que vem sendo chamada de "antropologia queer",² no interior da American Anthropological Association³ (AAA), ela faz parte de uma seção específica no interior dessa organização nacional, a Association for Queer Anthropology,⁴ que anteriormente era denominada Society of Lesbian and Gay Anthropologists,⁵ modificação nominal ocorrida no ano de 2010 depois de discussão entre seus membros.

Em seu intento para explorar o universo BDSM, a autora se utiliza metaforicamente do conceito de circuito ao comparar as redes do BDSM em San Francisco, por analogia, a um circuito elétrico, pois ambos só funcionam pela circulação de dinâmicas e energia entre núcleos individualmente apartados, mas que formam uma rede, pela dinâmica de informação compartilhada pelos pontos isolados. Na leitura de Margot Weiss, os circuitos do BDSM funcionam quando conexões são criadas entre contextos socioculturais imaginados como aparentemente separados e opostos, mas que, na realidade, estão conectados por complexas relações sociais. Assim Margot Weiss começou a enxergar em sua pesquisa o BDSM de uma maneira materialista, isto é, como materialidade (no sentido marxista do conceito) e também como produtiva de novas relações materiais; Weiss propõem então que essas práticas e seus praticantes, ao invés de existirem em um "mundo apartado" das relações e normas sociais (justamente por, em teoria, transgredirem tais relações e normas), estariam sim profundamente relacionados às formações culturais proporcionadas pelo capitalismo tardio, trabalhando e funcionando no interior de normas sociais que compelem e produzem sujeitos, comunidades e imaginários sociais sobre gênero, raça, sexualidade e nacionalidade.

A etnografia, baseada em um trabalho de campo realizado em diversos contextos (*sex-shops* e lojas diversas, festas e eventos públicos e privados, festivais e encontros em clubes direcionados para essas práticas eróticas) da comunidade BDSM naquela região dos Estados Unidos, consegue articular uma variedade de informações e dados de campo a partir do contato próximo com praticantes de técnicas e

práticas eróticas do BDSM, relacionando tais práticas sociais e discursos com dinâmicas abrangentes do capitalismo neoliberal tardio, estabelecendo vínculos entre prazer e normas sociais marcadas por questões raciais e de gênero. Já no início somos advertidos, em uma "nota sobre as terminologias" utilizadas no estudo, sobre a pertinência de atentar para as classificações e siglas existentes no universo dessa cultura sexual, tal como define a autora, pois, no caso do BDSM, "as terminologias importam". A sigla "BDSM" é utilizada para classificar uma variedade de práticas que proliferam e que são fluidas, a partir das quais se definem algumas distinções, estabelecendo sentidos comuns nas cenas e jogos do circuito, compostos de práticas sexuais/eróticas que abrangem bondage, submissão/dominação, jogos e sensações que envolvem dor, trocas e jogos de poder, *leathersex* (sexo com couro), interpretações de papéis (*roleplays*), entre outros fetiches. Assim, somos alertados de que a sigla "SM" (algumas vezes cunhada S/M e também S&M), uma abreviação de "sodomassiquismo", e o termo "BDSM" são utilizados alternadamente nesse contexto, tanto para denotar uma comunidade de praticantes de diversas práticas eróticas que envolvem relações de poder e, ao mesmo tempo, para referir-se às próprias práticas em si mesmas, que podem também ser aludidas como *plays* (jogos). Nota-se ainda que o termo "BDSM" seria resultante de uma junção de três acrônimos: B&D (bondage e disciplina), D/S (dominação e submissão) e SM (sodomassiquismo).

Margot Weiss assinala que o termo "BDSM" tem se tornado um termo "guarda-chuva" mais abrangente, mesmo que seu surgimento na cena seja posterior à utilização de "SM", que, ainda que sejam os termos mais frequentes no contexto de San Francisco, também coexistem com outras nomeações definidoras da comunidade, tais como *leather* (couro), relacionadas geralmente com a comunidade de praticantes gays e lésbicas, e *scene* (cena), para referir-se à comunidade de praticantes de BDSM em sua totalidade ou então a um encontro específico ou reunião de praticantes. Muitas vezes, nos contatos e nas entrevistas realizadas pela antropóloga, os praticantes referem-se a si mesmo como *tops* (pessoas que estão "dominando" num determinado jogo de poder) em oposição aos *bottoms* (pessoas que estão "sendo dominadas"), numa definição dicotômica entre "doadores e receptores" em que o jogo dessas identificações, muitas vezes cambiantes num determinado encontro ou cena (algo que define também os *switchs*, pessoas

que são tanto *bottom* quanto *top*), são independente das especificidades das práticas nas quais os participantes estejam engajados.

Dentro de cada uma dessas letras (BDSM) relacionadas às práticas, a autora nos fornece descrições e exemplos da variedade de atividades eróticas/sexuais existentes no interior de cada um dos componentes da sigla, que, ainda que bastante diferentes entre si, guardam como similaridade e código de ética a máxima expressa na sigla SSC (*safe, sane, consensual*), denotando um tipo de compreensão sobre as práticas BDSM enquanto seguras, sadias e consensuais, em oposição às concepções usuais no senso comum sobre tais práticas, geralmente relacionadas a orientações sexuais que fossem, talvez, perigosas e dissidentes da sexualidade dita "normal". De fato, a autora ressalta, ao longo do livro, que os praticantes de BDSM que ela encontrou eram pessoas tão normais como quaisquer outras, preferindo apenas experiências eróticas consideradas "diferentes" por alguns. Em sua descrição, ela trata de definir o que chama de "NORMALness" (NORMALidade) ao caracterizar o perfil geral dos praticantes⁶ que encontrou em campo. Mas, ao mesmo tempo, como se constata ao longo da etnografia, a tentativa nativa de aproximar a comunidade e os praticantes do SM da "normalidade" poderia mascarar certos tipos de privilégios sociais vinculados à branquitude, à heteronormatividade e ao sexismo, que são estrategicamente invisibilizados no interior da cena BDSM investigada. Existiria então um contradiscurso presente nessa cena que contestaria certas noções sobre o BDSM, entendido enquanto "perversão sexual" que envolva práticas e comportamentos coercitivos e abusivos não consensuais, ressaltando, em oposição, "um tipo de comportamento e uma comunidade de praticantes que acentuam positivamente tais práticas como jogos eróticos de poder consensuais e não como um abuso físico ou mental".⁷

A introdução (que tem como subtítulo "Toward a Performative Materialism"⁸) enquadra de forma acurada os contextos iniciais da pesquisa que deu origem ao livro, em suas aproximações conjunturais de alguns dos ambientes da investigação, em que somos apresentados a algumas das configurações encontradas pela pesquisadora ao identificar um entrecruzamento de marcadores de diferenças (raciais/étnicas e de gênero e sexualidade, principalmente) articulados no interior de complexas relações performativas de poder e de hierarquias sociais, em que a mercantilização surge como eixo comum para definir pertenci-

mentos ou distanciamentos da cena BDSM de San Francisco. Ela define o que chama de "materialismo performativo" (*performative materialism*), como parte de seu método etnográfico, remetendo às próprias dinâmicas do circuito e as definindo como duplamente produtivas, pois se focam tanto nas relações de produção capitalistas (no sentido econômico) como também nas relações de produção de subjetividades, através de performatividades marcadas por gênero, raça e sexualidade, no sentido elaborado por Judith Butler.⁹ Tratando de relacionar a comunidade BDSM local que pesquisou com dinâmicas globais do capitalismo atual, Margot Weiss se utiliza de um entendimento materialista do conceito de "produção", abordando as dinâmicas dialéticas de pertencimento social e de criação de desigualdades. Numa leitura em que o local é interdependente do global, ela propõe o materialismo performativo como parte de sua metodologia etnográfica para abranger a complexidade das relações que encontrou em campo, na relação entre o contexto socioeconômico e as performances sociais, relacionando a isso as transformações sociais e históricas e as performances subjetivas e locais na região de Baía de San Francisco.

Ao longo da etnografia, nota-se como a autora trata de materializar aspectos conceituais que visa discutir ao relacioná-los às suas experiências pessoais em campo e aos dados que obteve em entrevistas com vários praticantes, de modo a construir uma espécie de mapa que contextualiza em seu texto a comunidade a qual pesquisou, tratando de criar inter-relações entre os diferentes circuitos que ela discute. O primeiro capítulo, intitulado "Setting the scene: SM communities in the San Francisco Bay Area",¹⁰ ilustra como a cena BDSM atual se desenvolveu em relação a modificações regionais de larga escala nas configurações trabalhistas e tecnológicas da Baía de San Francisco, tratando de relacionar a história cultural da comunidade SM da região e de seus praticantes com a história da Baía e denotando uma relação suplementar entre noções de comunidade e o capitalismo em sua configuração particular nessa parte dos EUA (especialmente no contexto tecnológico e industrial da cidade de San Francisco e do Vale do Silício na Califórnia). A autora explora particularmente as tensões entre a imagem de San Francisco como uma cidade tolerante e predominantemente *queer* e *LGBT friendly*¹¹ em comparação com a realidade de desigualdades raciais e de classe ali existentes, associadas a processos neoliberais de exclusão social na

região. Na interpretação de Margot Weiss, essas tensões têm ressonâncias e se coadunam com diretrizes e justificações neoliberais existentes no interior da cena BDSM que ela investigou, de modo que se demonstram, nesse trecho da etnografia, os esforços da autora em conectar práticas locais dessas “comunidades sexuais” com dinâmicas mais gerais relacionadas às políticas econômicas e racionalidades ideológicas existentes no capitalismo contemporâneo.

No segundo capítulo, intitulado “Becoming a practitioner: self-mastery, social control, and the biopolitics of SM”,¹² observa-se que a autora foca numa análise que trata da produção daqueles que denomina de “praticantes do SM”, numa leitura que toma essa produção no sentido das elaborações de Michel Foucault a respeito das técnicas e tecnologias de si (1990). Ela analisa, de forma transversal, tanto algumas das “organizações SM” que encontrou em campo (sendo a *Society of Janus* a principal delas), incluindo as aulas e cursos sobre técnicas SM das quais participou, quanto a proliferação das regras existentes na comunidade SM a respeito do *safe play* (jogo seguro), baseadas na máxima ética expressa na sigla SSC (*safe, sane, consensual*). A autora trata de evidenciar como essas regras se tornam modos pelos quais os praticantes do SM “controlam a si mesmos”, tornando-se, em seu envolvimento com a cena BDSM, “sujeitos de si mesmos”. Num enquadre e abordagem assumidamente foucaultiana, Weiss busca expandir tais pressupostos teóricos em sua análise, ao propor que concepções de “segurança” e “risco”, presentes como valores positivos nessa cena, são também expressões de certos privilégios sociais, pois (re)produzem e justificam pretensiosas localizações de classe e raça que essas mesmas regras codificam. Nesse intento, a autora aborda a nostalgia que encontrou em campo (nostalgia essa expressa por alguns praticantes quando se referiam à cena SM no passado – ressaltando tais práticas como uma forma de transgressão das normas sociais vigentes) como uma “prática de si”, em que os sujeitos são socialmente produzidos de acordo com relações sociais de privilégio pré-definidas e muitas vezes inconscientes. No movimento ambivalente e permeado por esses privilégios sociais (relacionados à classe, raça, sexualidade e gênero) a autora trata de articular exemplos do campo, que demonstram que a produção de sujeitos – os praticantes do SM – baseia-se na produção simultânea de desigualdades sociais nesse contexto.

Essa nostalgia identificada pela autora também se anuncia no terceiro capítulo, intitula-

do “The toy bag: exchange economies and the body at play”,¹³ de modo que o desejo por contato e conexão social entre os praticantes SM se expressa através dos prazeres dos jogos de poder e por meio de SM toys (brinquedos *de/para* SM). Mais uma vez, nesse trecho de seu estudo, Margot Weiss trata de evidenciar a importância que tais itens ganham e a ansiedade que provocam nos praticantes do SM, expressando as relações de poder (de classe, principalmente) e os processos de mercantilização que permeiam esse universo. Examinando o tempo e o dinheiro despendidos e requeridos para a aquisição desses “brinquedos”, a autora ressalta que eles seriam indícios explícitos de certos marcadores de classe e de alguns dos privilégios sociais embutidos nos pressupostos que permeiam a cena. Nessas configurações e ânsias por brinquedos – que dão aos seus possuidores acesso a novas possibilidades de prazeres e sensações através de trocas mediadas por próteses e outras parafernalias – estaria aquilo que a autora define como a materialização ou “objetificação” de certos privilégios sociais. Margot Weiss interpreta metaforicamente os SM toys enquanto deslocamentos de contradições sociais materializadas em objetos, comparando a ansiedade engendrada por tais itens à ansiedade gerada por qualquer outro tipo de mercadoria, no contexto do capitalismo tardio. Demonstrando o lugar primário que esses brinquedos ganham nesse contexto enquanto mercadorias, a autora constrói uma interpretação abrangente sobre o conceito de “troca”, que, nesse caso, englobaria tanto trocas de mercadorias como também trocas de poder, relacionando a produção de consumidores e de comunidades com a criação de novos e flexíveis prazeres, os quais são engendrados por essas mesmas mercadorias.

Remetendo a sua abordagem materialista performativa, “coluna vertebral” conceitual da etnografia, a autora trata de abordar, no quarto capítulo, intitulado “Beyond vanilla: public politics and private selves”,¹⁴ as narrativas neoliberais em torno das escolhas individuais livres e da agência individual das quais se utilizam os praticantes de SM para justificar alguns de seus jogos eróticos, que muitas vezes têm paralelos e reencenam desigualdades sociais bastantes presentes na realidade cultural dos EUA. Ao tomar as desigualdades como mote desse capítulo (diferenciando inclusive a “sexualidade BDSM” específica, definida pelos seus praticantes em oposição à “sexualidade normalizada”, nomeada por eles enquanto “*vanilla*”),¹⁵ a autora exemplifica as

variadas relações de desigualdade expressas em jogos BDSM. Ela mostra como esses jogos de poder enquadram a típica desigualdade de gênero entre um agente e masculinidade dominadora em oposição a uma feminilidade submissa, para expressar como o desejo pela transgressão de normas sociais permite que os praticantes de SM imaginem uma cisão entre as esferas do público e do privado, atuando como se umas nada tivessem a ver com as outras. Numa leitura que se distancia tanto das interpretações de segmentos feministas anti SM quanto de segmentos feministas pró SM,¹⁶ Weiss explora em sua interpretação a ambivalência gerada pelas relações miméticas entre regras e normas sociais (marcadas por desigualdades de gênero, raça, classe e sexualidade) e os “papéis” existentes no BDSM, entre a realidade social e a cena ou jogo BDSM. A dicotomia aí aparente baseia-se, na interpretação da autora, nas narrativas de auto-empoderamento em que a liberdade de evitar ou refazer normas sociais opressivas dependem precisamente de formas de privilégio social que são reproduzidas através e por meio de tais normas. Assim, somente aqueles sujeitos que já têm certos privilégios, por sua posição de gênero, sexualidade, raça ou classe (geralmente homens brancos e heterossexuais...), têm um tipo de “liberdade” plena para redefinir ou evitar tais constrangimentos exercidos por essas normas sociais opressoras. Essa ambivalência, que a autora persegue em sua análise, faz parte de seu método de análise e interpretação sobre as políticas que envolvem os jogos BDSM, prestando atenção aos modos pelos quais os praticantes parecem saber ou não nomear as relações sociais de poder a que se submetem – baseadas em relações materiais –, as quais estruturam e produzem os jogos de poder no BDSM.

No capítulo conclusivo do livro, intitulado “Sex play and social power: reading the effective circuit”¹⁷, Margot Weiss trata de colocar seu método de materialismo performativo mais uma vez em movimento, ao analisar os efeitos políticos de cenas e jogos BDSM particulares. Utilizando uma noção que denomina “jogos de trauma cultural”, enfocando especialmente naqueles jogos vinculados às questões de raça e etnicidade, ela realiza uma interpretação etnográfica de alguns jogos e encenações encontradas em campo, tais como “feiras de escravos”, “jogos de inspiração nazista” ou “simulações de torturas em contexto de guerra”. Ao analisar tais cenas e jogos, a autora afirma que existiria uma relação “material” entre os jogos e brincadeiras em torno de questões de raça e

eticidade e as “reais” desigualdade raciais existentes nos EUA, argumentando que essas performances culturais são duplamente baseadas e produtivas de relações sociais materiais dadas. Colocando em relevo a eficácia performativa de tais cenas e jogos, a autora demonstra como e por que tais contextos e encenações funcionam em seus sentidos e efeitos metafóricos, ao reafirmar que sua eficácia seja politicamente polivalente, pois produziram respostas afetivas que são diferenciais, variáveis e irregulares, ao relacionarem indivíduos a imaginários sociais e nacionais diversos. Assim, a eficácia política identificada pela autora nas práticas BDSM são ativadas a partir do momento em que os praticantes do SM conectam seus imaginários individuais e eróticos às histórias individuais e nacionais de pertencimento racial nos EUA.

Numa abordagem muito interessante e instigante sobre a multiplicidade de relações sociais entrecruzadas no universo do BDSM que pesquisou, Margot Weiss é bem-sucedida na empreitada de realizar um tipo de antropologia *at home*,¹⁸ na conjunção dos *gender* e *feminist studies* existentes no contexto disciplinar e acadêmico dos EUA, investigando a realidade urbana na região de uma grande metrópole, ambiente próximo da realidade social da antropóloga, e excelentemente sintetizada nessa etnografia que vale a pena ser descoberta e tomada como referência para as pesquisas sobre gênero, sexualidades e as práticas sexuais “dissidentes” realizadas no Brasil.

Notas

¹ Sigla que define a junção de variadas práticas eróticas reunidas em torno da expressão “Bondage, Dominação, Sadismo e Masoquismo”.

² O termo inglês *queer* é antigo e tinha, originalmente, uma conotação negativa e agressiva contra aqueles que rompiam normas de gênero e sexualidade. Resignificado pelos movimentos sociais LGBTQI (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros, *Queers*, Intersexos) dos EUA, ganha conotação política e passa também a influenciar debates acadêmicos e a criação de novas teorias sociais, tais como a Teoria *Queer*. De qualquer forma, *queer* permanece uma denominação aberta que engloba culturas sexuais marginalizadas.

³ “Associação Antropológica Americana”.

⁴ “Associação para a Antropologia *Queer*”.

⁵ “Associação dos Antropólogos/as Gays e Lésbicas”.

⁶ Os praticantes em geral eram pessoas que despendiam 15 horas semanais em atividades relacionadas ao BDSM; eram homens (geralmente heterossexuais) e mulheres (geralmente heterossexuais e ocasionalmente bissexuais) em torno dos 40 e 50 anos, geralmente brancos e com aspirações e meios materiais para comprar os aparelhos e outros brinquedos SM, que constituíam, segundo a autora,

uma comunidade orientada pelas técnicas (do SM) e pelo aperfeiçoamento corporal e pessoal, que definiam seu pertencimento mais denso aos diferentes circuitos da comunidade.

⁷ Maria Filomena GREGORI, 2003, p. 117.

⁸ Numa tradução livre: "Por um materialismo performativo".

⁹ Judith BUTLER, 1993.

¹⁰ Numa tradução livre: "Definindo a Cena: Comunidades SM na região da baía de San Francisco".

¹¹ Expressão inglesa que define receptividade e simpatia pelos LGBTQI (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros, *Queers*, Intersexos).

¹² Numa tradução livre: "Tornando-se um praticante: Autocontrole, Controle Social e as Biopolíticas do SM".

¹³ Numa tradução livre: "Sacola de brinquedos: economias de troca e o corpo no jogo".

¹⁴ Numa tradução livre: "Além do *Vanilla*: políticas públicas e 'eus' privados".

¹⁵ O termo *vanilla* (baunilha) aqui se refere a uma expressão depreciativa utilizada pelos praticantes SM dos EUA para se referir às práticas sexuais tidas por muitos dos praticantes como "hegemônicas" e de acordo com as regras e normas sociais vigentes (muitas vezes relacionadas à posição sexual conhecidas como "pai-e-mamãe" nas relações heterossexuais...).

¹⁶ A antropóloga Gayle Rubin é uma das defensoras dessa posição e uma das inspirações de Margo Weiss para desenvolver seu argumento, ao utilizar como referência

seu pioneiro trabalho etnográfico sobre SM na região de San Francisco. Conferir Gayle RUBIN, 1981.

¹⁷ Numa tradução livre: "Jogo sexual e poder social: lendo o circuito efetivo/eficaz".

¹⁸ Mariza PEIRANO, 2006, p. 15.

Referências

BUTLER, Judith. *Bodies that Matter: On the Discursive Limits of "Sex"*. 1. ed. New York: Routledge, 1993.

FOUCAULT, Michel. *Tecnologías del yo*. 1. ed. Barcelona: Paidós Ibérica, 1990.

GREGORI, Maria Filomena. "Relações de violência e erotismo". *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 20, p. 87-120, fev. 2003.

PEIRANO, Mariza. "Onde está a Antropologia?" In: PEIRANO, Mariza. *A teoria vivida e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 15-36.

RUBIN, Gayle. "The leather menace: Comments on politics and S/M." In: SAMOIS (Organization e Ed.), *Coming to power: Writings and graphics on lesbian S/M*. Boston: Alyson Publications, 1981. p. 194-229.

Glauco Batista Ferreira ■
Universidade Federal de Santa Catarina